

Travessias atravessadas em mundos incertos e travessos: questionamentos em torno do agir humano

Crossings in uncertain and mischievous worlds: questions about human action

JOSÉ MANUEL RESENDE¹

Talvez não seja exagerada a afirmação de que os tempos de hoje se apresentam convulsivos. As suas crispações são múltiplas, variadas.

Os seus matizes cambiantes interferem não só nas convivências experimentadas em domínios públicos. Atravessam-se, sem pedir licença, em esferas de proximidade, outrora mais resguardadas das investidas públicas. Não raras vezes, batem à porta das intimidades, entrando nestas abruptamente e causando turbulências inesperadas.

¹ Como organizador deste dossiê temático, quero expressar os meus agradecimentos a todas as colegas e a todos os colegas que embarcaram por estas travessias. De um lado e do outro lado do Atlântico, comungamos também a amizade que tem estado a alimentar estas minhas e – agora, dirijo-me diretamente a vós – vossas travessias. Foi um prazer ter-vos em minha companhia. Sem a vossa delicada participação, nada disto ganharia foros de existência humana para além da nossa existência viva.

Suas entradas nem sempre são planejadas de antemão. Acontecem, e as portas ficam escancaradas, produzindo consequências imprevisíveis, inesperadas.

Outras vezes, ensaiam espreitar por fissuras que aparecem marcadas nos íntimos dos seres que são corroídos em tempos compassados ou descompassados. Dessas erosões as feridas mostram-se em corpos mundanos que parecem não conseguir resguardar as suas inquietações sentidas.

As vulnerabilidades e as fragilidades assumem, logo ali ou algures, contornos diversos, por vezes oblíquos, difíceis de enxergar. Avistam-se, mas de longe. Outras vezes nenhures, porque não se distinguem ou porque a indiferença se chega à frente ou porque se insiste em trabalhar uma autonomia que o ser não deseja ou não se mostra habilitado por diversas razões, umas contingenciais outras não.

É, pois, a partir das travessias experimentadas nesses tempos turbulentos que este dossiê pretende questionar o que significa hoje reconhecermos-nos como seres humanos ou seres vivos que habitam mundos desassossegados. Ou, o que também pode acontecer, esse reconhecimento não é dado a conhecer, não é concedido a quem por direito humano lhe faz juz, de quem é indevidamente retirado ou a quem não é facultado.

Os bulícios das vidas não são novos. Estão presentes nas vivências com expressividades múltiplas desenhadas nas experiências humanas, situadas ou descolocadas. Constituem-se como parte integrante destas do nascimento até à morte.

Pese embora o reconhecimento imperecível de experiências tumultuosas nas passagens entre o público e o íntimo, hoje, porventura, as suas fronteiras são alvo de outras explorações suportadas por indagações que antes ou não se pronunciavam, ou eram proferidas em contextos mais resguardados.

Chegar, permanecer e partir são verbos que acompanham a solicitação do convite em participar nesse desafio. São verbalizações que articulam experiências compósitas que marcam as gradações como se expressam as qualificações de ser vivo e de ser humano em diferentes contextos e épocas históricas.

A experiência de crise sanitária à escala global ainda aviou mais a centralidade das travessias humanas num contexto cada vez mais marcado pela incerteza e pela indeterminação. Num primeiro estágio do seu aparecimento, o confinamento geral foi a palavra de ordem enunciada pelas autoridades políticas e sanitárias em diversas geografias planetárias. Resultante das viagens, a contaminação só diminuía o seu impacto reduzindo-se as travessias locais, nacionais, continentais e transcontinentais.

As passagens do interior das habitações para o exterior tinham de ser raras, alinhavadas em motivos definidos previamente por quem dirige os protocolos de saúde pública e por quem trata cientificamente da virulência dos vírus, nomeadamente dos vírus transmitidos por gotículas saídas em resultado de atos tão comuns como tossir ou espirrar. Rapidamente se vai dando conta de que a determinação de se encerrar as pessoas em casa não era a solução ideal para o problema em curso.

De experiências em experiências, em formas de (des)coordenação com geometrias muito variáveis tendo em conta o contexto global da pandemia, políticos, técnicos e cientistas procuram outras travessias. Socorrem-se de artefatos para os justapor à pele dos indivíduos de modo a se instituir uma outra etiqueta social com o propósito de ensaiar a estancação da transmissão do vírus. Em muitas geografias os negacionistas opõem-se a estas medidas. Reagem aos conceitos científicos e seus efeitos expostos por cientistas de diversos azimutes terrestres.

As travessias do vírus parecem não conjugar-se com as travessias dos humanos. Como dependem de células de outrem para darem continuidade às suas passagens, os seus desvios nos atravessamentos dos mundos diferem dos seres que são nomeados como tendo vida manifestando-a de outra maneira.

As consequências das ações de agentes cuja agenciação de si depende da possibilidade de estes entrarem em células de seres vivos diferem em muito das consequências das ações dos seres vivos, como é o caso entre os humanos. Os atos de existência desses agentes não humanos dependem das formas de agir dos seres vivos, nomeadamente dos seres humanos. Ou estes permitem a sua entrada para atravessarem o seu corpo e instalem-se numa célula hospedeira, ou a entrada é barrada, e o agente não tem oportunidade de se replicar.

É, pois, preciso impedir a sua entrada. Daí a criação dessa etiqueta, denominada de social, mas que mais não é do que a criação de uma distância física. Fazer do afastamento físico a nova modalidade de fronteira para evitar a entrada de um agente patogênico passa a ser a recomendação.

Havendo ajuntamentos, seja em que contexto for, a máscara é o tal artefato que, justaposto à pele do rosto, impede o patógeno de entrar. A natureza intrusiva desse agente é medida justamente pela sua destreza na entrada e nas consequências imprevisíveis depois de estar instalado em uma das células do seu hospedeiro.

Evitar a sua replicação exponencial nos humanos requer também dos seus corpos outros cuidados, nomeadamente na praticabilidade de uma etiqueta que os resguarde da

sujidade trazida por esse agente. Obstar que o vírus se atravessasse entre um corpo e outro obriga a que se leve a sério os efeitos dos atos de tossir ou de espirrar.

Não basta usar o lenço ou mão para refrear as saídas das gotículas quando em momentos contingentes acontece um espirro ou somos levados a tossir. Levar o cotovelo à boca ou ao nariz passa a ser o ato mais aconselhável de maneira a conter a circulação do agente contagioso. Lavar as mãos com frequência ou desinfetá-las são outros gestos solicitados.

Na verdade, as travessuras provocadas pelas travessias de um vírus servem aqui de exemplo para mostrar a complexidade das ações e das conseqüentes relações que estas produzem, quer entre seres vivos, quer entre seres humanos, quer ainda entre uns e outros e agentes não humanos. É nossa convicção que é desafiante a exploração das ações e suas conseqüências que vos propomos e estamos certos que vão ao encontro dos potenciais leitores deste número da revista.

Tomando a sério os matizes em que se expressam os reconhecimentos indicando que os seres se apresentam na sua humanidade ou simplesmente como entes vivos, este dossiê desdobra-se em dois face à extensão dessa temática. Apesar deste desdobramento, os dois números da revista vão integrar artigos que exploram sociologicamente essas *travessias* contando com textos que revelem reflexões sociológicas e antropológicas que expressam experiências significantes daquilo que os atores são capazes de fazer ou não fazer para aportar e apartar dos mundos, apoiados por objetos, tecnologias sociais e mediados por outros seres capacitantes.

Paralelamente chama-se igualmente atenção para as limitações da antropologia capacitante dos humanos quando estes são envolvidos em situações e experiências que não tornam possível a sua habilitação, ajustando-se a estas de outras maneiras. Sinalizar a participação como qualidade do agir humano nem sempre parece ser viável em acontecimentos e experiências que envolvem seres vivos e humanos. Há ocasiões em que as fragilidades e as vulnerabilidades do agir humano são expressivas, mesmo quando estas não são convenientemente reconhecidas.

É perante a complexidade do agir que as diversas travessias são aqui expostas neste conjunto de artigos. Os dois primeiros artigos tratam de diferentes travessias associadas aos processos das terapias da procriação medicamente assistida. No primeiro destacam-se atravessamentos que envolvem múltiplas tensões perturbantes que tanto tocam o corpo como a identidade de quem as experiencia em nome próprio. São experiências que escapam

às economias das convenções protocolizadas. Ao invés, vão ao encontro do reconhecimento das afeições, mas também dos desapareços, perdas, abandonos ou libertações relativamente aos embriões alavancados em ambientes não naturais.

Do segundo, o olhar sobre a procriação medicamente assistida é outro, complementar ao primeiro. As suas travessias tratam das oscilações e ambivalências que o projeto parental levanta quando a procriação de um novo ser é desenvolvido num contexto laboratorial. Os atravessamentos nas passagens dos embriões do útero da mulher para os ambientes laboratoriais traçam dilemas e tensões entre diversos regimes de envolvimento de ação que são movidos pelos casais expostos a essas experiências. Por exemplo, a aparente frieza do regime de ação em plano compõe-se com o regime de envolvimento de proximidade quando as emoções resultam das relações do casal com os embriões cultivados *in vitro*.

Das travessias resultantes da procriação em ambiente laboratorial, os dois próximos artigos observam as passagens no âmbito das trajetórias de fim de vida em ambiente hospitalar. Os autores do primeiro texto perscrutam as consequências dos atos conversacionais realizados por profissionais que trabalham no âmbito dos cuidados paliativos. Em face das vulnerabilidades dos doentes e dos seus familiares mais próximos, esses profissionais sentem arduidades várias em trazer para aqueles ambientes questões ligadas às trajetórias de fim de vida. Os cuidados são muitos e, por isso, usam o tato na introdução de assuntos de complexidade vária que mexem com as emoções de quem se confronta com os tempos do apartar de vidas próximas.

No segundo texto sobre os cuidados paliativos, os seus autores debruçam-se sobre os cuidados a tecer à família de um ente querido cuja morte se aproxima, mas sem haver a certeza do momento da ocorrência de um acontecimento com aquela magnitude. Não obstante toda a preparação, é um sobressalto para a família a morte de alguém que lhe é muito próximo. O foco do texto é justamente trabalhar essas expectativas, os seus dilemas e tensões.

Dessas passagens dilemáticas passa-se a outras travessias, agora problematizadas em torno da negação da intervenção científica e biomédica em contexto de pandemia causada pela disseminação do vírus sars-covid-2. Para a autora, o *locus* da análise recai sobre as consequências dos atos governativos e da gestão pública dessa doença viral da parte do governo federal brasileiro. A partir de uma reconstituição com base em fontes da mídia brasileira, o texto busca também na memória histórica outras experiências importantes sobre o desenvolvimento da ciência e das políticas e ações públicas no domínio da saúde pública,

que as ações do governo atual tendem a subestimar, desvalorizando-as e visando a sua liberalização.

O texto seguinte traz à tona as ações de populações que experienciam vulnerabilidades que as diferenciam, mas cujos efeitos as aproximam uma da outra. Em múltiplas experiências vivenciadas quer por doentes portadores de HIV, quer por indivíduos diagnosticados como doentes mentais, as consequências das suas ações são atravessadas por inúmeras incompreensões e por desconsiderações várias, que os levam ao esgotamento de si, de um lado, e à desconfiança de si, de outro lado. Essas sensações reduzem a estima de si e, em circunstâncias-limite, rebaixam a sua humanidade. A essas experiências negativas o texto não deixa de equacionar outras situações cujo trabalho recai sobre a elevação da sua autoestima de maneira a equipar esses indivíduos de dispositivos que visem ao trabalho para a sua gradual exposição em ambientes públicos. Travessias complexas, exercícios de exposição que compelem o medo, as dúvidas em se apresentarem ao outro tal como é a sua verdade.

Finalmente as travessias deslocam-se para sul, para o contexto pós-colonial em Moçambique. O autor faz referência à conservação de nomenclaturas categoriais naquele território levantando a questão da incompletude das travessias de um sistema político colonial, que firma as suas relações de poder assentes em determinadas categorias, algumas das quais ainda se mantêm após o desfecho da descolonização. Tais persistências ao longo do tempo podem contribuir para a manutenção de diferenças que se esperavam superadas pelas travessias operadas depois do fim do colonialismo português.

Agora a vez é do leitor. O propósito deste dossiê é apresentar outras entradas para se aprofundar o debate e a discussão em torno do conceito de ação, do agir humano em contextos contingenciais, com traços incertos, por vezes ambíguos, trazendo à tona mal-entendidos ou equívocos que, pese embora serem indesejáveis, marcam presença caucionando tensões ou conflitos humanos.

Ziguezagueando por estradas fora, os agires humanos buscam o reconhecimento da sua existência humana, mesmo quando as suas operações práticas são levadas à sua suspensão, temporária ou com outras lonjuras. Serpenteados com traços nem sempre óbvios ao primeiro relance do olhar, aos agires imediatos com lineamentos captados por aquilo que deixam ser notado, é preciso ir mais fundo, dando também primazia aos pequenos pormenores que, por desleixo, os pesquisadores tendem a desconsiderar.

De traços largos, nas suas minudências que os completam, os agires humanos nem sempre são reconhecidos como tais. As fronteiras entre estar vivo e ser considerado humano são vezes sem conta permeáveis, híbridas, com travessias obscurecidas ou mesmo frias. As eventuais metamorfoses dessas categorias qualificantes do ser, às vezes radical, inúmeras vezes suscitando equívocos insurgidos pelas ambiguidades do agir de um perante um outro ou outros, são questões a ter em conta nas pesquisas. Dar boa nota a quem não é tratado, a quem não é pelo outro considerado como equivalente na sua humanidade; a quem o olha, ou o evita, a quem a indiferença pode ser entendida como a mortificação do ser na sua humanidade que para este não é plena, tudo isso são outros ingredientes a destacar em face da sua importância analítica.

Ações sem objetos é um mero fazer de conta nos significados que estas transportam quando emergem em diferentes contextos. Ter em conta os artefatos que acompanham as ações é outra indicação deixada. O modo como estes são qualificados e os seus eventuais significados convencionais ou protocolizados são outras notas a considerar quando os modos de agir são analiticamente interpretados.

Para terminar, importa considerar seres ou agentes não humanos e as suas relações com os agires humanos. A circulação dos vírus em ambientes humanos e o modo como os seus trânsitos confrontam os agires humanos são um mero exemplo. A esses podemos acrescentar outros seres que florescem em ambientes naturais onde veiculação humana faz-se sentir permanentemente. Parece não ser necessário exemplificar. Esses estão aí ao virar de uma qualquer esquina... Força à vossa imaginação criativa.

José Manuel Resende

Doutor em Sociologia, professor catedrático da Universidade de Évora, Portugal